

Imperialismo: entre a ciência e o entretenimento

Imperialism: between Science and Entertainment

Fernando Cauduro Pureza*

Resenha de livro: KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. **Zoológicos humanos:** gente em exibição na era do imperialismo. Campinas: Ed. Unicamp, 2021.

Palavras-chave: Imperialismo; zoológicos humanos; cientificismo.

Keywords: Imperialism; human zoos; scientism.

UM DOS MAIORES horrores da história recente da humanidade é o flagelo imposto pelas tropas coloniais belgas a serviço do rei Leopoldo II, na instauração da colônia do Estado Livre do Congo no final do século XIX. Os horrores, cada vez mais difundidos na esfera pública, envolvem assassinato, sequestro, estupro e mutilação em massa, além da despossessão territorial que permitiu aos belgas (e não só a eles) o livre acesso às maiores riquezas do Congo – em especial, a borracha. Parte do conhecimento que temos hoje em dia sobre um morticínio que a Bélgica fez questão de esconder se dá graças às impressionantes fotografias registradas pela missionária inglesa Alice Seeley Harris, em 1904, que evidenciam aspectos terríveis dos crimes do imperialismo, tais como a mutilação das mãos e pés de homens, mulheres e crianças. Como destaca o clássico livro de Adam Hochschild, *O fantasma do rei Leopoldo*,¹ todavia ainda sabemos muito pouco sobre os horrores cometidos em prol da civilização, não apenas no Congo, mas em continentes inteiros.

Das fotos de Harris, contudo, é possível imaginar que os crimes mais violentos do imperialismo tenham sido registrados na era da fotografia e do cinema. Era do gosto das chamadas “nações civilizadas” demonstrar, por meio das novas artes, o que o seu projeto

* Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor do Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: fcpureza@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6363-0753>.

1 HOCHSCHILD, Adam. *O fantasma do rei Leopoldo: uma história de cobiça, terror e heroísmo na África Colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

colonial efetivamente fazia para o bem-estar dos povos “não civilizados”. E por fim, em espetáculo triunfante, exibir esses sujeitos como troféus em fotografias, evidenciando o domínio da técnica ocidental sobre o restante do mundo. O livro de Sandra Sofia Machado Koutsoukos acaba invariavelmente percorrendo o caminho desses espetáculos, analisando *freak shows*, estúdios de fotografia, feiras mundiais, zoológicos humanos, todos eles lugares privilegiados para acompanhar uma face pouco lembrada da dominação imperialista: aquela que celebrava a ciência do dominador perante os corpos dos dominados por meio da fotografia.

Trata-se de um livro da coleção *Históri@ Ilustrada*, do Cecult-Unicamp, que publica as obras em dois formatos – o digital e o impresso. A premissa da coleção é de valorizar o acervo textual, iconográfico e sonoro, o que o livro faz de forma impressionante. Além disso, explora o uso de QR codes para que o leitor possa assistir trechos de filmes também, explorando uma iconografia cinematográfica – inclusive com direito à exibição de um curto vídeo de 11 minutos de divulgação, acessado no *You Tube*. O uso de ferramentas digitais para complementar a leitura e para a exibição das fontes é um elemento inovador e que precisa ser ressaltado no livro de Koutsoukos.

O foco do livro é, invariavelmente, o corpo dos dominados, sujeitos que, na concepção darwinista que se consolidava no período, eram considerados inferiores na escala evolutiva. Não faltam relatos no livro sobre como homens e mulheres expostos nas fotografias eram constantemente animalizados, ou infantilizados, tudo visando ao entretenimento e à própria noção de ciência, comum ao Ocidente no final do século XIX. Nesse ponto, a utilização de imagens, fontes iconográficas e cinematográficas reforça ainda mais a violência do processo de dominação aqui analisado.

No primeiro capítulo, Koutsoukos explora precisamente como o modelo de entretenimento circense estabelecido nos Estados Unidos, no início do século XIX, alcançou o mundo e como pessoas com as mais diferentes condições foram apresentadas como *freaks*. Trata-se de sujeitos de diferentes origens, classes, raças, gêneros, nacionalidades, religiões e etnias, mas cuja condição física era tratada como entretenimento no nascedouro da cultura de massas, seja por museus sensacionalistas, seja pelas artes circenses. Do picadeiro, contudo, esses homens e mulheres (e crianças, convém ressaltar) eram lançados posteriormente para os laboratórios, mensurados, medidos, taxonomizados por uma ciência que insistia na supremacia do corpo ocidental perante o resto do mundo. Por fim, em morte, seus corpos tornavam-se objetos de estudo, completamente desprovidos da sua humanidade, para o benefício da “ciência”.

É o caso específico de Sarah Baartman, mulher negra nascida na atual África do Sul, em 1789, pertencente ao povo khoikhoi. Exibida nos circos americanos como “a Vênus hotentote”, sua esteatopigia era explorada como elemento cômico/exótico por empresários do ramo do circo, que a exibiam não apenas nos Estados Unidos, mas também na Europa. Foi lá que ela “encantou” médicos e cientistas do Museu de História Natural de Paris, numa história que

remete tanto ao racismo científico do século XIX como aos fetiches sexuais do colonialismo europeu perante os africanos. A história de Baartman é uma das muitas que o livro explora e dá a tônica da difícil relação que entretenimento e ciência travaram na época, amparadas na concepção racista do nascente imperialismo europeu e americano.

Tal concepção cruza-se com a eugenia e o cientificismo da época e, diante da profusão de imagens e fotografias de época, o segundo capítulo do livro concentra-se nos casos de elefantíase e sobre como a medicina e a nascente indústria do espetáculo exploraram homens e mulheres nessas condições. Com foco especialmente em Joseph Merrick, o famoso “homem-elefante” (eternizado no homônimo filme de David Lynch), Koutsoukos apresenta por meio de outro personagem as ligações umbilicais da perspectiva científicista e o orgulho normativo que estampava jornais e revistas que noticiavam a vida de Merrick. Nesse capítulo, contudo, a questão do imperialismo fica em segundo plano na narrativa, tendo em vista que o caso de Merrick é a de um homem britânico, não obstante sua condição clínica.

O terceiro capítulo, por sua vez, é centrado nas fotografias dos botocudos no Brasil do século XIX. A nomenclatura, como a autora acertadamente ressalta, é pejorativa e fruto de sua época, podendo significar diferentes povos indígenas. A denominação, tão cara ao discurso dominante, ganha uma outra tônica diante dos inúmeros registros imagéticos que procuravam consolidar a imagem dos índios como não civilizados. Nesse capítulo, dois personagens dividem a cena. De um lado, Quacke, homem indígena que foi levado para a Europa pelo príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied, aristocrata e naturalista alemão que visitou o Brasil. Quacke foi representado em pinturas como um índio botocudo “civilizado”, ao gosto das cortes europeias. O outro era Marc Férrez, o famoso fotógrafo franco-brasileiro que retratou índios botocudos para a Comissão Geológica do Brasil na segunda metade do século XIX. Ambas as histórias servem como preâmbulo para a Exposição Antropológica Brasileira, de 1882 – um espetáculo dantesco que fracassou pelo próprio fato de que o público causou tanto tumulto que não foi possível manter indígenas botocudos em exposição.

A ideia da exposição de homens e mulheres pelo bem da ciência passa a se cruzar com a dita curiosidade científica da época, estimulando uma nova indústria do entretenimento, localizada nas célebres feiras mundiais. Nos capítulos 4 e 5, Koutsoukos procura destrinchar a relação entre imperialismo, feiras mundiais e os chamados “zoológicos humanos” que dão nome ao livro. Entre justificativas amparadas na ideia de “estudar os povos primitivos”, formulada pela nascente antropologia, homens e mulheres do Daomé (capítulo 4) e do Congo (capítulo 5) foram exibidos nas feiras universais de Chicago (1893) e Saint Louis (1904), nos Estados Unidos.

Na feira de Chicago, os daomeanos levados foram obrigados a simular seus hábitos, reproduzir suas vestimentas – no frio do inverno do nordeste estadunidense – e aceitar o domínio de um público cuja curiosidade ultrapassava os olhares, exigindo submissão, autenticidade e total disponibilidade. A antropologia da época olhava fascinada para a coleção de “povos”

exibidos na feira, a maioria deles trazidos sob contratos obscuros que mais lembram um cativo do que uma livre transação entre “artistas”. Afinal, os daomeanos não eram artistas aos olhos tanto de cientistas, jornalistas e grande público; eram, a bem dizer, o orgulhoso povo da África Ocidental que fora derrotado e humilhado pelo Exército francês, que subjuguou as “terríveis amazonas do Daomé” em 1890.

Já em Saint Louis, anos depois, foi a vez dos chamados “pigmeus” do Congo Belga, levados por agentes e empresários que se disfarçavam de exploradores no continente africano. O mais famoso deles, Ota Benga, um mbuti congolês, ganha destaque na narrativa. Sua trajetória de vida confunde-se com os impasses do imperialismo da época, pois após a exposição em Saint Louis, ele acaba sendo vendido ao Museu Natural de Ciências de Nova York, que passa a expor o jovem congolês em uma jaula no zoológico do Bronx. Lá, por intermédio da comunidade negra nova-iorquina, Benga seria finalmente libertado em 1906, mas enquanto homem livre, se viu obrigado a viver na sociedade americana, enfrentando o racismo e o preconceito, tendo que trabalhar para o seu sustento e nutrindo o desejo de voltar para a sua terra natal. O trágico desfecho da história de Ota Benga, com seu suicídio em 1916, dá a tônica dos horrores dos tempos dos zoológicos humanos. O apagamento que o zoológico de Nova York, um dos mais famosos do mundo, operou a respeito dessa história ao longo do século XX só reforça a brutalidade do cientificismo e da sua relação umbilical com a indústria do entretenimento do período.

Como se pode ver, o livro de Koutsoukos apresenta capítulos como histórias paralelas. Cada um deles traz uma vinculação entre fotografia, imperialismo, indústria do espetáculo e cientificismo. Essas ligações, contudo, não são explícitas em todos eles e por vezes faz-se necessário refletir, para além dos limites da obra, como essas questões estão vinculadas. O capítulo sobre elefantíase, por exemplo, nos diz muito pouco sobre como a história de Merrick está vinculada ao imperialismo, não obstante a doença tivesse o nome pejorativo de “elefantíase dos árabes”. Da mesma forma, a história dos primeiros botocudos fotografados não parece se relacionar com a questão da indústria do entretenimento de forma tão nítida. Se por um lado é fascinante acompanhar o processo de humanização de sujeitos cuja vida foi transformada em “objeto” de diferentes campos, por outro é difícil vincular suas trajetórias a todos os temas sobre os quais o livro propõe se debruçar.

Todavia, tratando-se em especial de uma reflexão acerca da fotografia na era do imperialismo, Koutsoukos exhibe uma imensa quantidade de registros imagéticos, analisando-os a partir de seu contexto específico. O grande mérito do trabalho é, sem dúvida, o tratamento da imagem, refletindo sobre as condições de produção de quadros, pinturas, xilogravuras, daguerreótipos e fotografias. Mais do que isso, a autora constantemente conduz o leitor a partir das trajetórias daqueles sujeitos cuja imagem estava sendo representada, procurando resgatar a dimensão humana de homens e mulheres que foram convertidos em objeto do supremacismo racial, estimulado tanto pela ciência como pela indústria do

espetáculo. Esse convite para percorrer diferentes trajetórias, permeado por um estilo de escrita que procura aproximar-se do leitor, é facilitado pela utilização de fontes às quais é possível uma consulta e até mesmo interação digital, como ressaltado anteriormente. Mérito da autora, mas também da coleção onde a obra está inserida.

É bem verdade que essa obra talvez não traga uma pesquisa inovadora para o tema, ainda que, não obstante, talvez seja a única no Brasil – e por conta disso, o paralelismo com os “botocudos”, no capítulo 3, ou a história das gêmeas xifópagas do Espírito Santo, no capítulo 1, merecem destaque. Se, por um lado, a obra não promete nenhum *paradigm shift*, ao menos estabelece uma análise rigorosa sobre a fotografia do período, intercalando questões técnicas com o contexto histórico. Os historiadores muito provavelmente sentirão falta de um debate historiográfico mais minucioso, mas é importante reconhecer que ao trazer o registro fotográfico para o centro da análise, os crimes do imperialismo passam a ganhar outros contornos; o “corpo colonizado”, nos dizeres de Franz Fanon, ganha forma e, mais do que isso, é humanizado. A autora constantemente indaga sobre os olhares dos fotografados, buscando resgatar na sua corporeidade, evidente nas fotografias, posturas de resistência à opressão, ou no mínimo, os elementos constitutivos da subjetividade de sujeitos que eram constantemente animalizados.

O livro de Koutsoukos é, inegavelmente, assombroso – em especial, pelo caráter da denúncia aviltante de horrores cometidos em prol das concepções ocidentais de ciência e de espetáculo. A ironia do final sobre o “show continuar” deixa, no leitor, um mal-estar necessário e profundo. Depois de um olhar para as desventuras do imperialismo ao redor do mundo, é impossível ter qualquer leveza ou possibilidade de retorno ao “show”. Parafraseando Adorno, após olharmos para os crimes do colonialismo, registrados em fotografias e filmes, como, ainda assim, escrevemos poesia? O que a autora mostra, por sua vez, é que ao olhar para a celebração dos grandes impérios, não apenas se escreveu poesia – foram feitos verdadeiros espetáculos com as imagens e os corpos dos povos dominados.

Recebido em 12/07/2021

Aprovado em 30/08/2021